

Aline Fabiane Barbieri

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 36. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2003.

Saviani inicia o seguinte texto apresentando sua problemática por meio de um questionamento motivador: Como as teorias da educação se posicionam mediante a situação de precariedade e marginalidade na educação?

Assim, o autor destaca que essas teorias se posicionam em dois grupos principais, de acordo com o entendimento que elas têm da relação entre educação e sociedade.

Um primeiro grupo de teorias, chamado por Saviani de teorias não-críticas, seria aquelas que entendem a educação como instrumento de equalização social e de superação da marginalidade, caracterizando assim o problema da marginalidade como resultado da ignorância, um fenômeno acidental que deve ser corrigido. Nesse grupo de teorias encontram-se a Escola Tradicional, a Escola Nova e a Tecnicista.

Já o segundo grupo de teorias, ditas como as crítico-reprodutivistas seriam às que compreendem a educação como um instrumento de discriminação social, um fator de marginalização. Esse grupo entende que a sociedade é essencialmente marcada pela divisão de classes, sendo a marginalidade inerente à própria estrutura da sociedade, logo, a educação é aqui vista como inteiramente dependente da estrutura social, servindo como fator de marginalização. Assim, a função da escola consiste somente na reprodução da sociedade em que está inserida. Composto esse grupo de teorias destacam-se:

A teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica: considera que toda sociedade constitui-se como um sistema de relações de força material entre grupos ou classes. Sobre a base da força material surge um sistema de relações de força simbólica cujo objetivo é reforçar as relações de força materiais. Assim, a dominação econômica acaba por determinar a dominação cultural. A ação pedagógica seria assim entendida

como uma imposição arbitrária da cultura dos dominantes para os dominados, que se materializaria pelo trabalho pedagógico.

Teoria da escola enquanto aparelho ideológico de estado (AIE): Essa teoria entende a escola como o instrumento mais acabado de reprodução das relações sociais da sociedade capitalista. Nesse contexto os marginalizados são considerados os próprios trabalhadores. Ao invés de instrumento de equalização social, a escola, constituída pela própria burguesia tem a função de garantir o funcionamento do sistema burguês de produção.

Teoria da escola dualista: A escola estaria dividida em duas grandes redes: a burguesa e a proletária, explicada pela divisão da sociedade em duas classes opostas.

Nessa perspectiva o papel da escola não é mais o de reforçar a marginalidade, mas sim, impedir o desenvolvimento da ideologia dos trabalhadores e a, conseqüente luta revolucionária. Saviani considera assim, que a escola assume-se como duplo fator de marginalização convertendo os trabalhadores em marginais, colocando à lado do movimento proletário todos aqueles que ingressam nas escolas.

Pode-se concluir com essa teoria que a escola serve como aparelho ideológico apenas à burguesia na luta contra o operariado.

Saviani destaca que as teorias crítico-reprodutivistas tiveram como ponto positivo evidenciar a ligação da escola e os interesses capitalistas, no entanto, não têm uma proposta pedagógica porque se preocupam apenas em explicar o mecanismo da escola atual.

Outra teoria abordada nesse texto é a da educação compensatória, que promove uma valorização da pré-escola. Essa, segundo Saviani, se configura como uma resposta não-crítica às dificuldades educacionais trazidas à tona pelas teorias crítico-reprodutivistas.

De acordo com a teoria da educação compensatória, a educação continuaria tendo função de equalização social, porém, para que ela pudesse concretizar tal função, seria necessário compensar suas deficiências. Logo se busca resolver problemas de ordem: de saúde e nutrição, familiares, dentre muitas outras, como se a escola tivesse o poder de

resolver todos esses problemas. Como resultado, tem-se uma pulverização de esforços e recursos que acabam por defasar ainda mais o setor educacional.

Ainda sobre essa teoria, Saviani considera que se o objetivo é compensar as deficiências escolares, devem-se atentar-se para as deficiências que são de campo estritamente educacional, caracterizando então uma compensação educacional.

Nesse sentido, ficou claro, mediante análise dos dois grupos de teorias que a escola é materialmente determinada pelos interesses da classe dominante. Assim, Saviani levanta a seguinte questão: é possível articular a escola com os interesses dominados? É possível uma teoria da educação que capte criticamente a escola como um instrumento capaz de contribuir para a superação do problema da marginalidade?

Esses seriam os questionamentos básicos para a construção de uma teoria crítica. Tal teoria teria de superar o poder ilusório posto à escola pelas teorias não-críticas, bem como superar o ar de impotência dada a essa instituição pelas teorias crítico-reprodutivistas. Para a construção de uma teoria denominada crítica seria preciso, sobretudo, de acordo com o autor, lutar contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. Lutar contra a marginalidade nessa perspectiva seria garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais.

Na busca da síntese de uma nova teoria, Saviani, utiliza-se da Teoria da Curvatura da Vara, abordando o conflito histórico travado entre a Pedagogia Tradicional e a Pedagogia Nova. De acordo com essa teoria é preciso que a vara seja curvada para o lado oposto para que tome uma direção não-tendenciosa. Logo, entendendo que a vara esteja historicamente sendo curvada para a direção da Escola Nova, o autor levanta questionamentos e críticas a essa pedagogia.

Posteriormente, Saviani, inicia suas considerações sobre a formulação de uma nova teoria. Destacando que a historicidade seria uma das principais características de uma pedagogia superadora das discutidas.

Uma nova pedagogia não precisaria negar a essência (escola tradicional) para admitir o caráter dinâmico da realidade e também não vê a necessidade de negar o movimento para entender a essência. A pedagogia revolucionária é crítica, entendendo assim a educação como condicionada e não como a redentora da sociedade como as pedagogias Nova e Tradicional. Logo, Saviani destaca ainda que um método novo não seria a soma da Pedagogia Tradicional e da Pedagogia Nova, porque o método que Saviani preconiza relaciona educação e sociedade.

Para uma nova pedagogia, a educação relaciona-se dialeticamente com a sociedade, assim ela é sim determinada pela sociedade, porém, também influencia a sociedade.

Uma pedagogia que supere as anteriores teria de estar articulada aos interesses populares, sendo assim, estaria empenhada na valorização da escola, para que funcione da melhor maneira possível.

O primeiro passo para nessa nova pedagogia seria a prática social, sendo essa atividade comum ao professor e ao aluno. O segundo passo seria a problematização. Já o terceiro estaria pautado na apropriação dos instrumentos teóricos e práticos para a resolução desse problema. O quarto passo é denominado de catarse e trata-se da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformando-os em elementos ativos de transformação sociais. O quinto e último passo constituiria-se na própria prática social. A compreensão dessa prática social ao longo desses passos passaria por alterações qualitativas.

Em busca da democracia, a educação deveria ter como ponto de partida a desigualdade (realidade social) e ter a igualdade no ponto de chegada (em busca de uma transformação social). O processo educacional constitui-se assim na passagem da desigualdade para a igualdade.

Para Saviani a educação não deve ter relações democráticas ou autoritárias, mas sim, deve articular o trabalho desenvolvido nas escolas com o processo de democratização da sociedade.

A nova pedagogia apresentada no texto, que supere a Nova e a Tradicional, indica para uma sociedade que tenha superado a divisão do saber, diferentemente de nossa realidade social.

Porém, para Saviani, cada professor pode dar sua contribuição para uma transformação estrutural da sociedade. Essa contribuição se daria na medida em que o professor enfatiza a transmissão e assimilação de conhecimentos, do conteúdo o qual constitui sua especificidade, sempre apresentando esse conteúdo relacionando-o com a sociedade, com seus determinantes. O professor deve impedir a tendência de dissolução dos conteúdos escolares.

No último tópico do livro, que tem como título **Onze teses sobre educação e política** o autor afirma que costumou-se socialmente considerar a educação como sempre sendo um ato político. Tal afirmação, salienta o autor, surge da necessidade de contraposição a educação técnica-pedagogia (Escola Tecnicista). Do mesmo modo como deu-se na teoria da curvatura da vara, tentou-se curvar a vara para a outra direção e assim, por muitas vezes, a educação foi considerada como sendo sinônimo de política, desconfigurando-se nesse sentido a especificidade da educação.

Para o autor, educação e política são práticas distintas, porém inseparáveis e com íntima relação. São modalidades específicas da prática social, integrando uma mesma totalidade. Se educação e política forem vistas como iguais, uma vez que a política exerce uma certa superioridade em nossa sociedade de classes, a especificidade e a função educacional desapareceriam. As reflexões expostas nesse momento por Saviani podem ser ordenadas e sintetizadas nas onze teses que se seguem:

Tese 1: Não existe identidade entre educação e política;

Tese 2: Toda prática educativa contém, inevitavelmente, uma dimensão política;

Tese 3: Toda prática política contém, por sua vez, inevitavelmente uma dimensão educativa.

Tese 4: A explicitação da dimensão política da prática educativa está condicionada à explicitação da especificidade da prática educativa;

- Tese 5: A explicitação da dimensão educativa da prática política está, por sua vez, condicionada à explicitação da especificidade da prática política.
- Tese 6: A especificidade da prática educativa define-se pelo caráter de uma relação que se trava entre contrários não-antagônicos.
- Tese 7: A especificidade da prática política define-se pelo caráter de uma relação que se trava em contrários antagônicos.
- Tese 8: As relações entre educação e política dão-se na forma de autonomia relativa e dependência recíproca;
- Tese 9: As sociedades de classes caracterizam-se pelo primado da política, o que determina a subordinação real da educação à prática política;
- Tese 10: Superada a sociedade de classes, cessa o primado da política e, em consequência, a subordinação da educação.
- Tese 11: A função política da educação cumpre-se na medida em que ela se realiza como prática especificamente pedagógica.